A Santiago em romaria vem

A LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA E COMPOSTELA

YARA FRATESCHI VIEIRA
MARIA ISABEL MORÁN CABANAS
JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO

ATRAVÉS editora

ATRAVÉS de Nós 41

A SANTIAGO EM ROMARIA VEM
A LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA E COMPOSTELA

1ª EDIÇÃO: outubro 2025

© 2025 AGAL
© Yara Frateschi Vieira, Maria Isabel Morán Cabanas, José António Souto Cabo
© das fotografias, José António Souto Cabo

Associaçom Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-08-3
DL: C 1716-2025

FOTOGRAFIAS: José António Souto Cabo

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Luigi Cavaliere Martínez
REVISÃO LINGUÍSTICA: Luigi Cavaliere Martínez, José João Rodrigues,
Yara Frateschi Vieira, Maria Isabel Morán Cabanas e José António Souto Cabo
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Miguel Durão

IMPRESSO NA GALIZA: Sacauntos Coop. Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega do português
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

Nota do editor | 15

Antes de iniciar o caminho: algumas notas | 17

OS TROVADORES E SANTIAGO DE COMPOSTELA

Afonso Eanes do Coton | 31
Abadessa, oí dizer | 31
Covilheira velha, se vos fezesse | 32
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 34

Airas Fernandez Carpancho | 36
Por fazer romaria, pug' en meu coraçon | 36
Pois que se non sente a mia senhor | 37
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 38

Airas Nunez | 41
Porque no mundo mengou a verdade | 41
A Santiag' en romaria ven | 42
Bailemos nós ja todas tres, ai amigas | 43
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 44

Bernal de Bonaval | 47
A Bonaval quer' eu, mia senhor, ir | 47
Ai, fremosinha, se ben ajades | 47
Diss' a fremosa en Bonaval assi | 48
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 49

Fernando Esquio | 52
Que adubastes, amigo, alá en Lug' u andastes | 52
Vaiamos, irmana, vaiamos dormir | 53
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 54

Fernan Pais de Tamalhancos | 56
Con vossa graça, mia senhor | 56
Non sei dona que podesse | 57
Quand' eu passei per Dormãa | 59
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 60

Fernan Rodriguez de Calheiros | 63
Madre, passou per aqui un cavaleiro | 63
Agora oí d' ũa dona falar | 64
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 65

Joan Airas de Santiago | 68
Pelo souto de Crexente | 68
A por que perço o dormir | 69
Ai Justiça, mal fazedes que non | 71
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 72

Joan Perez de Aboin | 76
Cavalgava noutro dia | 76
Lourenço, soías tu guarecer | 77
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 79

Joan Soarez Somesso | 82
Punhei eu muit' en me guardar | 82
Ũa donzela quig' eu mui gran ben | 83
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 85

Joan Vasquez de Talaveira | 88
Direi-vos ora que oí dizer | 88
Joan Airas, ora vej' eu que á | 89
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 91

Juião Bolseiro | 94
Fez ũa cantiga d' amor | 94
Da noite d' eire poderan fazer | 95
Joan Soares, de pran as melhores | 96
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 98

Martin Moxa | 101
O gran prazer e gran viç' en cuidar | 101
Per quant' eu vejo | 102
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 105

Nuno Eanes Cerzeo | 109
Agora me quer' eu ja espedir | 109
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 112

Nuno Fernandez Torneol | 114
Levad', amigo, que dormides as manhanas frias | 114
Vi eu, mia madr', andar | 116
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 117

Osorio Eanes | 119
Cuidei eu de meu coraçon | 119
E por que me desamades | 119
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 122

Pai de Cana | 124
Vedes que gran desmesura | 124
Amiga, o voss' amigo | 125
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 126

Pai Gomez Charinho | 128
Ai, Santiago, padron sabido | 128
Quantos oj' andan eno mar aqui | 129
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 130

Pai Soarez de Taveiros | 133
Como morreu quen nunca ben | 133
No mundo non me sei parelha | 133
Vi eu donas en celado | 134
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 136

Pedro Amigo de Sevilha | 141
Quand' eu un dia fui en Compostela | 141
Quen mi ora quisesse cruzar | 143
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 145

Pero da Ponte | 149
Quen seu parente vendia | 149
Se eu podesse desamar | 150
Quen a sesta quiser dormir | 151
Maria Peres, a nossa cruzada | 152
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 153

Pero Garcia de Ambroa | 157
Pero d' Armea, quando composestes | 157
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 158

Pero Meogo | 160
Levou-s' a louçana, levou-s' a velida | 160
Digades, filha, mia filha velida | 161
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 162

Rui Fernandez de Santiago | 164
Quand' eu vejo las ondas | 164
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 165

Sancho Sanchez | 166
En outro dia, en San Salvador | 166
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 167

TROVADORES E TEXTOS EM DIÁLOGO

D. Afonso X | 171
Non me posso pagar tanto |171
O genete | 173
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 175

D. Denis | 179
Levantou-s' a velida | 179
Quer' eu en maneira de proençal | 180
Proençaes soen mui ben trobar | 181
Ũa pastor ben talhada | 182
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 184

Joan de Gaia | 189
Eu convidei un prelado a jantar, se ben me venha | 189
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 191

Joan Zorro | 194
Bailemos agora, por Deus, ai velidas | 194
SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS | 195

TOPÓNIMOS NAS CANTIGAS | 197

IMAGENS DOS CANCIONEIROS | 199

BIBLIOGRAFIA | 203

SOBRE OS ORGANIZADORES | 211

AGRADECIMENTOS | 212

CRÉDITO DAS IMAGENS | 212

A verdade é que preferira a este apresurado "raconto" guiarvos hoxe pelos "lugares poéticos" da Compostela trobadoresca, partindo do tinelo do Pazo Arcebispal onde está figurada a xograría e onde tantas veces resoarían as súas cantigas. Camiñariamos logo cara ó Bonaval da "sagraçon" de Bernal; ó Cornes de Martín; ó lugar que leva de antigo o nome de Pai da Cana; á rúa "da Moeda Vella", onde vivía María Leve, quizais "a Balteira"; recitariamos no souto de Crecente a pastorela de Johan Airas; en Sar evocariamos asemade a doncela do gozoso encontro con Per Amigo de Sevilla e rematariamos o Congreso na Catedral lendo os miragres das Cantigas afonsís e pregando os versos de Pai Gomes Chariño:

"Ai, Santiago, padrón sabido…"

Xosé Filgueira Valverde, "Compostela e os trobadores"

NOTA DO EDITOR

A Santiago em romaria vem: a lírica galego-portuguesa e Compostela é uma reedição revista e com bibliografia atualizada do livro *O Caminho Poético de Santiago* (2015), publicado no Brasil pela extinta editora Cosac Naify. Como editor deste projeto, tive o prazer e o privilégio de trabalhar ao lado das pessoas que, em conjunto, idealizaram esta coletânea: Yara Frateschi Vieira, Maria Isabel Morán Cabanas e José António Souto Cabo.

Estas três pessoas dedicam grande parte das suas vidas ao estudo das cantigas, tornando-se verdadeiras autoridades no tema. O resultado desse percurso foi a criação deste livro, que reúne as informações essenciais para a compreensão do que foi a literatura galego-portuguesa medieval.

Apesar de ter conhecido Yara numa reunião há alguns meses, sempre ouvi boas palavras sobre o seu trabalho durante os quatro anos em que estudei na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela (USC), assim como sobre o projeto *O Caminho Poético*, seja nas aulas de Literatura Portuguesa, lecionadas pela professora Isabel, seja nas de História e Variedade do Português, do professor José António.

Comprar o livro foi, durante muito tempo, um grande desejo, mas lê-lo era um desafio. Conseguir um exemplar significava pagar 80 euros na Amazon ou viajar ao Brasil em busca de uma edição usada. A vontade de editar este livro na Galiza, portanto, nasceu de um impulso pessoal — talvez até um pouco egoísta. Contudo, representa também uma oportunidade para estudantes e entusiastas da nossa literatura terem acesso a um trabalho notável, capaz de reunir os principais nomes das cantigas medievais que, de algum modo, mantiveram ligações com a cidade de Santiago, além de introduzir o tema e as principais características desses textos.

Os livros introdutórios ou de divulgação desempenham um papel fundamental na democratização do conhecimento, pois tornam acessíveis temas que, à primeira vista, podem parecer

demasiado complexos ou reservados a especialistas. Ao apresentarem ideias de forma clara, contextualizada e estimulante, essas obras despertam a curiosidade e permitem que um público mais vasto compreenda e se interesse pela literatura. A divulgação do saber, quando feita com rigor e sensibilidade, não apenas forma novos leitores e potencia futuros investigadores, mas também contribui para uma sociedade mais informada.

Conhecer a literatura galego-portuguesa medieval é essencial, porque é nesses primeiros testemunhos literários que se revelam não apenas a riqueza expressiva do galego-português, mas também uma sensibilidade e uma visão do mundo que ajudam a compreender o nosso passado. Recuperar e divulgar esse património é, portanto, um ato de memória e de futuro: uma forma de fortalecer os laços culturais e reafirmar a continuidade e a dignidade de uma língua que continua a criar muitos séculos depois.

Luigi Cavaliere Martínez
08/10/2025

ANTES DE INICIAR O CAMINHO: ALGUMAS NOTAS

A lírica galego-portuguesa medieval, a mais antiga manifestação literária da nossa língua, é património comum da literatura galega e das demais literaturas nacionais que nela se exprimem. Originada na Galiza no último terço do século XII, essa expressão cultural foi cultivada no âmbito dos reinos centro-ocidentais da Península Ibérica (Galiza, Portugal, Leão e Castela) até o primeiro quarto do século XIV. O adjetivo "galego-portuguesa" que a define refere-se ao idioma que lhe serviu de veículo, falado na Galiza e em Portugal, e aos espaços políticos em que se desenvolveu com maior vigor. Trata-se de uma variante da moda europeia mais ampla, a "poesia trovadoresca", que nasceu na Occitânia (atual sul da França), no começo do século XII, e se difundiu por todo o ocidente europeu, desde a Alemanha até a Galiza e Portugal, e do norte da França até a Sicília.

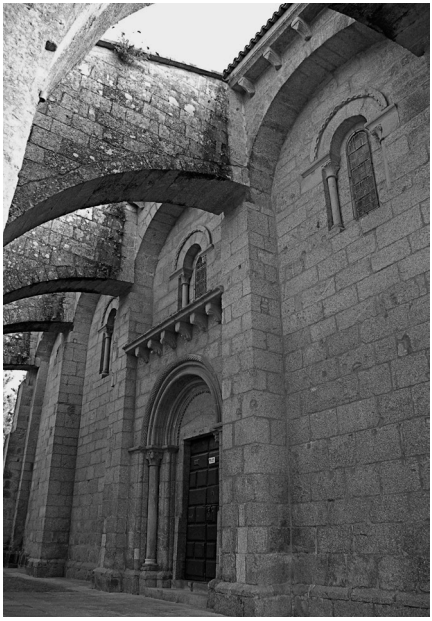
O tópico dominante, embora não exclusivo, da poesia trovadoresca foi a expressão do amor, segundo os princípios do que se convencionou chamar de "amor cortês", um código de comportamento amoroso complexo, envolvendo aspectos sociológicos, éticos e literários. Trata-se de uma conceção desse sentimento que, oposta em vários pontos à da Antiguidade, sobrevive em essência ainda hoje, de tal forma que se chegou a afirmar que o século XII inventou o amor como o entendemos e celebramos na cultura ocidental.

CANTARES FREMOSOS E RIMADOS

Rua do Vilar, vindo da Catedral.

Apesar das origens occitanas, o trovadorismo galego-português apresenta caraterísticas particulares que resultaram da simbiose com o substrato cultural específico do noroeste peninsular.

Ordena-se em três géneros maiores: a cantiga de amor, a cantiga de amigo e a cantiga de escárnio e maldizer. A de amor e a de amigo compartilham a temática amorosa, mas não a perspetiva, já que na primeira o sujeito poético é um homem que expressa o seu amor, quase sempre impossível, por uma mulher referida como *senhor* (o mesmo que "senhora"); e na de amigo, pelo contrário, a voz poética corresponde à de uma jovem que exprime os seus sentimentos pelo namorado (*amigo*) num tom, em geral, mais otimista. Quanto à produção satírica, conhecida pelo nome de cantigas de escárnio e maldizer, carateriza-se, na maior parte dos casos, pela crítica de caráter pessoal, com finalidade cómico-burlesca. Entre os géneros menores, destaca-se a pastorela, na qual a temática amorosa aparece associada ao



Lateral da Colegiada de Santa Maria a Real do Sar.

AFONSO EANES DO COTON

Abadessa, oí dizer
que erades mui sabedor[1]
de todo ben; e por amor
de Deus, querede-vos doer
de min, que ogano[2] casei,
que ben vos juro que non sei
mais ca ũu asno de foder.

Ca me fazen en[3] sabedor[4]
de vós que avedes bon sen[5]
de foder e de todo ben.
Ensinade-me mais, senhor,
como foda, ca o non sei,
nen padre nen madre non ei[6]
que m' ensine, e fiqu' i[7] pastor[8].

E se eu ensinado vou
de vós, senhor, deste mester
de foder e foder souber
per vós, que me Deus aparou[9],
cada que per[10] foder, direi
Pater Noster e enmentarei[11]
a alma de quen m' ensinou.

[1] Entendido, conhecedor (fem.).

[2] Este ano.

[3] Disso, daquilo (forma abreviada do pronome demonstrativo "ende").

[4] Entendido, conhecedor (masc.).

[5] Senso, juízo, inteligência, bom senso.

[6] Haver, ter, possuir.

[7] Aí.

[8] Pessoa que guarda o gado, jovem, virgem (masc.).

[9] Arranjar, proporcionar.

[10] Expressão de realce, partícula adv. de intensidade.

[11] Recordar, referir, fazer alusão.

E per i[12] podedes gaar[13],
mia senhor, o reino de Deus:
per ensinar os pobres seus
mais ca por outro jajũar,
e per ensinar a molher
coitada, que a vós veer,
senhor, que non souber ambrar[14].

Covilheira[15] velha, se vos fezesse
grand' escarnho, dereito faria
ca me buscades vós mal cada dia;
e direi-vos en[16] que vo-l' entendi:
ca nunca velha fududancua[17] vi
que me non buscasse mal, se podesse.

E non est ũa velha nen son duas,
mais son vel[18] cent' as que m' andan buscando
mal quanto poden e m' andan miscrando[19];
e por esto rog' eu de coraçon
a Deus que nunca meta se mal non
antre min e velhas fududancuas.

E pero[20] lança de morte me feira,
covilheira velha, se vós fazedes >

[12] Aí.

[13] Ganhar.

[14] Menear os quadris, requebrar.

[15] Criada de confiança, camareira.

[16] Disso, daquilo (forma abreviada do pronome demonstrativo "ende").

[17] Insulto forte, de sentido genérico, sem correspondência literal (composto derivado de "foder").

[18] Ou.

[19] Causar discórdia, intrigar.

[20] Embora, conquanto.

nen ũu torto[21] se me gran mal queredes;
ca Deus me tolha[22] o corp' e quant' ei[23],
se eu velha fududancua sei
oje no mundo a que gran mal non queira.

E se me gran mal queredes, covilheira
velha, dig' eu que fazedes razon,
ca vos quer' eu gran mal de coraçon,
covilheira velha; e sabed' or' al:
des que fui nado, quig' eu sempre mal
a velha fududancua peideira.

[21] Mal, agravo, injustiça.

[22] Tirar, tomar, prender.

[23] Haver, ter, possuir.

SOBRE O TROVADOR E AS SUAS CANTIGAS

Não há registros documentais com que reconstruir a biografia de Afonso Eanes do Coton (ou Afonso do Coton), mas é possível suprir essa falta, de algum modo, pelas referências que a ele fizeram outros poetas galego-portugueses, como o rei D. Afonso X e Martin Soarez. Elas permitem situar a sua atividade poética na corte de Fernando III e na dos primeiros anos de Afonso X. Martin Soarez chegou a dedicar-lhe uma cantiga (*Nostro Senhor, com' eu ando coitado*), na qual o descreve, por meio de um relato enunciado em primeira pessoa e em termos burlescos, como pessoa dissoluta e fisicamente disforme. Existe certa continuidade entre alguns desses traços e a sua abundante produção satírica, caraterizada pela frequência de um tom obsceno e irreverente, como se comprova nos poemas trazidos aqui.

O sobrenome toponímico Coton levou a pensar que fosse natural de Negreira, lugar situado a quinze quilómetros ao nordeste da capital galega, onde existe um paço conhecido com esse nome. É possível que a família dos Cotons (ou algum de seus ramos) tenha estado vinculada a essa região, o que não exclui a presença da linhagem em Compostela. Com efeito, um documento compostelano de 1192, no qual aparece mencionado um Joan do Coton (*Iohanne Cothone*, *Iohannes Cothom*), que supomos pai do trovador, apoia essa possibilidade. De acordo com essa escritura, ele possuía uma casa na área da Porta Faxeira, onde também terá morado Afonso Eanes.

No primeiro poema, o protagonista, dizendo-se órfão e recém-casado, implora a ajuda de uma abadessa com fama de muito experimentada em práticas sexuais, com o objetivo de superar a sua suposta ignorância nesse assunto. Se ela o socorrer e, além disso, ensinar como menear as ancas às mulheres que a procuram, ganhará o reino de Deus, mais do que por jejuar.

A composição, um exemplo da irreverência presente nos Cancioneiros, estrutura-se sobre o pedido de caridade, uma das

sete virtudes do cristianismo. O efeito cómico e satírico resulta do contraste entre o contexto (a transcendência religiosa dessa virtude e o estatuto social da abadessa) e a expressão concreta do pedido (de natureza obscena). Além disso, a autocomparação do protagonista com o asno adquire uma dupla dimensão, pela associação do burro à ignorância e pela sua simbologia fálica. A mistura do sagrado e do sexual atinge o clímax com a afirmação de que os ensinamentos solicitados à abadessa podem constituir a melhor via para conseguir até mesmo a salvação eterna.

Já em *Covilheira velha, se vos fezesse*, uma camareira ("covilheira") é satirizada por meio de uma série de insultos de base sexual e escatológica. A cantiga, claramente ofensiva, vale-se da acumulação de termos discriminadores, obscenos e escatológicos para acentuar a abominação de uma criada de quarto, ampliando-a ainda a toda a categoria das camareiras, que costumavam exercer também as funções de alcoviteiras ou intermediárias de relações amorosas: ela é descrita como "velha, fududancua e peideira".

Da mesma forma que a cantiga anterior enfatiza o sarcasmo pela repetição do verbo *foder*, esta recorre ao composto *fududancua*, cujo uso, considerado extremamente ofensivo, era mesmo apontado, nos textos legais, como passível de punição. Aqui, o termo perde o sentido preciso de prática sexual, retendo apenas a força de insulto máximo.